

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTISTICO
FRANCISCO TELLEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GRACA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão

Rua Formosa, 43-CISBOH.



M. ELLE CAMILLA PAULUCCI DI CALBOLI, filha do sr. ministro da Italia em Lisboa (Phot. tirada na ilha da Madeira)

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno 4\$800 réis
 " semestre 2\$400 "
 " trimestre 1\$200 "

Assignatura conjuncta do "Seculo", "Supplemento Humoristico do Seculo" e da "Illustração Portuguesa"

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno 8\$500 réis
 " semestre 4\$500 "
 " trimestre 2\$500 "
 " mez (em Lisboa) 700 "



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do D^r Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS,

Aoenda em todas as Pharmacias de Portugal et do Bres
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

FARINHA
 LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO
 para crianças e pessoas
 edosas.

Madame O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e phisionomista da Europa

Brouillard



DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em valcunios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e phisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenhigue, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathogoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA
 Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

DISFONIVEL

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO
 GOTA
 NEURALGIAS

D^r BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



HEMORRHOIDAS

CURAM-SE COM OS

SUPPOSITOIRS

ADRENO-STYPTIGOS
 MIDY

Para encadernar a
 ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

Ja estã a venda h nitas espas em peralho de phantasia para encadernar o primeiro s mestre d'este anno da *Illustração Portuguesa*.

PREÇO 360 RÉIS

Enviã-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia l ode ser remittida em va e ao correio ou sellos em carta registada. Cada capa va acompanhada do indice e frontispicis respectivos.

Administração do SECULO—Lisboa

EM 20 DIAS CURA RADICAL E INFALLIVEL

ANEMIA CÔRES PALIDAS

CHLOROSE, CONVALESCENÇA PELO
 Elixir de S. Vicente de Paulo

Em todas as Pharmacias ou no Deposito Geral CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1185 300 réis o frasco franco porte em todo Portugal. PH. OILLE, Ruaz. 2, Faub. S-Denis, PARIS



COMPREM AS Sedas Suissas

Pecã as amostras das nossas Novidades em preto, branco ou côr, *Eolienne, Cachem re, Shan-lone, Duchesse, Crêpe de Chine, Côtelé, Messal no, Moussolino*, largura 120 cm. a partir de fr. 1,25 o metro, para vestidos, blusas, etc., assim como as blusas e vestidos bordados em baizete, lã, toile e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos consumidores e francos de porte a domicil o.**

SCHWEIZER & C.^o
 Lucerne E II. (Suissa)

Exportação de sedas Fornecedores da Côte Real

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

riana e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Abergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 270
 PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado — Porto, Prado
 Numero telephonic: Lisboa, 605 — Porto, 117

Agente em Paris: Camille Lipman, 20, Rue Vignon

CAPITAL

Ações 360.000\$000
 Obrigações 323.910\$000
 Fundos de reserva e de amortização... 266.300\$000
 Réis 950.310\$000

QUEM SOUBESSE ESCREVER!

POESIA DE CAMPOAMOR
(TRADUÇÃO DE
ALFREDO GUIMARÃES)

— Perdão; mas... — Ora, eu não
desconheço...

— A noite... a ocasião...

— Dá-me a penna e o papel. Va-
mos. Começo:

Meu querido Romão.



— Escreve-me uma carta, senhor
cura?

— Já sei, ao predilecto...

— Sabe porque em certa noite escura
os viu os dois... — E' certo!...



— Querido?!... Vá... Emfim, ter
que emendar...

— Vê lá... — Não é peor...

— Como estou triste... Não? — Pode
ficar

Como estou triste, amor!





Uma amargura torturar-me vem...

— Como soube o meu mal?

— Toda a mulher que ama sempre
tem

um peito de chrystal!

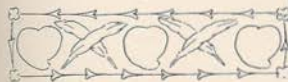




O beijo que á partida sob os ramos
te dei!... — Como sabia?!...
— Quando se parte ou volta, ou
nos juntamos,
sempre... Eu juraria!...



Que é o mundo sem ti? A senda
obscura...
Contigo? Um paraizo!
— Faça a letra mais clara, senhor
cura;
mais redonda. E' preciso.



Se o teu amôr, meu bem, me não
procura,
como posso soffrer?...
— Soffrer, e nada mais? — Não, se-
nhor cura;
que me sinto morrer...





— Morrer?! Offende o céu! Vê que
é um erro...
— Muito embora, morrer!
— Eu não ponho *morrer*. — Que
homem de ferro!
Quem soubesse escrever!...



Por Deus, escreva: que a minh'alma,
agora,
pouco pode durar...
Que a dôr me não esmaga em cada
hora
porque eu posso chorar...



— Senhor Reitor, senhor Reitor, em
vão
me deseja illudir;
se eu leio bem, nas linhas d'esta
mão,
todo o mal que ha de vir...





«Que o meu peito, ao peso d'agonia,
tanto gosa em soffrer...»
Meu Deus!... Mas quantas coisas
lhe diria,
se eu soubesse escrever!...

—O amor! o amor! A vida em
desperdicio...

Grande loucura! Emfim,
é inutil saber, para este officio,
o grego ou o latim...



Que os meus olhos, cançados do
desgosto,
saudosos do seu modo,
como n'elles jámais fita o seu rosto,
cerraram-se de todo...

Que, de quantos tormentos hei
soffrido,
a ausencia é o mais atroz.
Que é um continuo echo ao meu
ouvido,
um sonho, a sua voz.





A
MODA

Capa de chinchilha
(Clické VRLIX)

Todas as chronicas da moda accentuam a variedade que apresentam as *toilettes* de outomno, não só pelo que diz respeito aos tecidos, usando-se, ao mesmo tempo, as lãs, as sedas e os velludos, como tambem pelo que toca às côres, que percorrem a escala completa, desde os tons mais claros até aos carregados e escuros. O que se conserva mais ou menos fixo é o costume *tailleur*, de que começam a apparecer alguns graciosos modelos novos, offerecendo todas as phantasias de ornamentação. Os vestidos de *moirée* com guarnições de velludo são, contudo, dos que teem maiores preferencias, e alguns, como, por exemplo, o que



Vestido de *mouré* azul pallido e negro, guarnecido de velludo (Cliché VELLIX)

reproduz a nossa photographia, offerecem, realmente, um magnifico effeito.

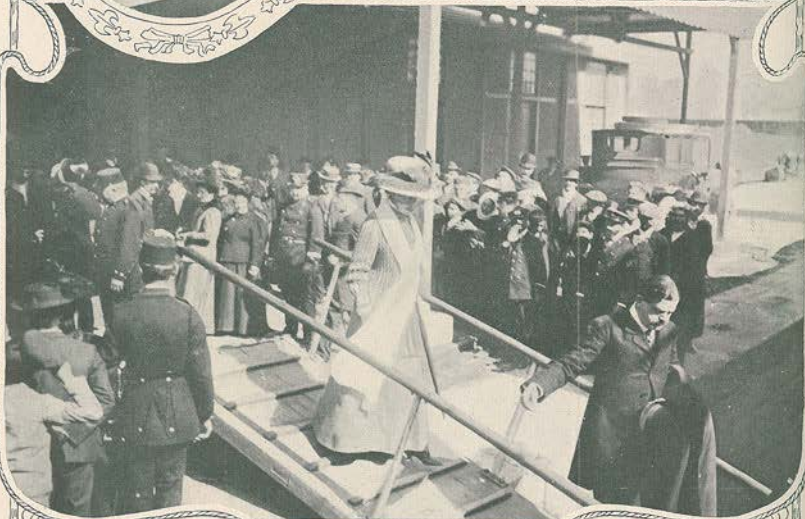
Este selectismo da moda actual, que decerto agrada ás senhoras, pela mais ampla liberdade de escolha que lhes proporciona, não pôde, tambem, de nenhum modo, desagradar aos homens, que amam naturalmente a variedade. De mais, se a propria essencia da moda consiste em ser mudavel; se ella é, pela sua natureza e qualidade fundamental, a rainha de todas as volubilidades; nada lhe deve parecer mais adequado, na realidade, do que essa ampla variedade que as *toilettes* d'este outomno vieram consagrar.

A PARTIDA DE S. A. SENHORA DUQUEZA
D' AOSTA PARA A MADEIRA



Chegou a Lisboa no dia 14 do corrente a princeza Helena, duqueza de Aosta e irmã de sua magestade a rainha D. Amelia, que esteve hospedada no palacio da Pena até ao dia 20, em que embarcou, a bordo do vapor *S. Miguel*, com destino á Madeira. Sua Alteza Real demora-se alguns dias no Funchal, seguindo depois para o Cabo da Boa Esperança, Beira e Rhodesia.

A princeza Helena Luiza Henriqueta, segunda filha dos condes de Paris, nasceu em Twickenham a 13 de junho de 1871, dois annos depois de seu irmão o duque de Orleans, actual chefe da casa de França, e seis depois de sua irmã a sr.^a D. Amelia.



1—A sr.^a duqueza de Aosta a bordo do paquete *S. Miguel*
2—A rainha senhora D. Amelia no caes da Empresa Insulana de Navegação
3—A sr.^a duqueza de Aosta na occasião do embarque.
(Clichés de BENOLIEL.)

RIOS DE PORTUGAL O RIO MINHO



1—Eva, a barqueira de Caminha. 2—O rio visto de Villa Nova da Cerveira
3 e 4—O rio em frente de Caminha.



1—A Ilha dos Amores, em frente de Gondarem. 2—O rio, na sua passagem em Gondarem
3—Os caes de Caminha



1—Panorama do rio tirado de Caminha
 2—Tuy e a ponte internacional. 3—A margem hespanhola
 (Clichês do amador sr. JOÃO AZEVEDO)

FIGURAS E FACTOS

OS ACONTECIMENTOS DE HESPANHA. — A agitação que por toda a parte despertou o processo e a execução de Ferrer, e o echo violento que os acontecimentos de Barcelona, como os da guerra, tiveram no parlamento hespanhol, logo que este abriu as suas sessões, determinaram, afinal, a queda do gabinete Maura, que se constituiu em janeiro de 1907. Ao chefe conservador succedeu naturalmente o sr. Moret, que



n'este momento congrega sob a sua direcção todas as facções do partido liberal.

A substituição do governo produziu desde logo, como era logico esperar, uma benéfica acalmção nos espiritos, que o regimen terrorista estabelecido por Maura lançára n'uma excitação de deploraveis consequencias para a normalidade da vida nacional, e deve contar-se que dentro de pouco a Hespanha terá recuperado a serenidade e a paz, que uma politica de intransigente repressão tão perigosamente alterára.

Dos factos, em todo o caso, fica uma lição, que não pode deixar de tirar-se, por tal fórma ella se impõe n'uma evidencia flagrante, e essa é a de que qualquer tentativa reaccionaria se não pode coadunar já hoje com o espirito do nosso tempo. Foi o erro de pensar o contrario que perdeu Maura.



A BELLA SULTANA. — Acaba de deixar Lisboa, escriptura-da para a Russia, a formosa bailarina Enriqueta Fernandez, A talentosa artista que, pela sua graça e gentileza, mereceu o cognome encantador de *Bella Sultana* é bem conhecida do nosso publico, que em mais d'uma noite a tem applaudido com vivo entusiasmo.



1—D. Antonio Maura, chefe do partido conservador hespanhol. 2—D. Segismundo Moret, o novo presidente do governo hespanhol. (Cliché de RENOLLE) 3—A bailarina Enriqueta Fernandez, a *Bella Sultana* 4—Conselheiro Antonio Emilio Correia de Sá Brando, conselheiro de Estado, fallecido no dia 20 de outubro (Cliché BOGONE) 5—Conselheiro José de Sousa Monteiro, director geral dos negocios diplomaticos, fallecido no dia 12 de outubro (Cliché da phot. VIANNA) 6—O coronel João Dias da Silva, commandante da 1.ª zona da policia de Lisboa, fallecido no dia 20 de outubro (Cliché da phot. SILVA & C.ª)

A DECORAÇÃO DO CAFÉ MARTINHO
PROJECTO E PINTURA DE JOÃO VAZ ...
..... ESCULPTURA DE JOSEPH FULLER.

O Martinho—o velho café de tradições literarias e bohemias—quiz tambem modernisar-se, e, ao cabo de alguns mezes de encerramento, reabriu agora, transformado de uma maneira completa, com uma apparencia rejuvenescida.

O projecto das decorações e todas as pinturas foram feitas pelo distincto artista sr. João Vaz, director da escola industrial de Xabregas, e o trabalho de escultura executado pelo sr. Josef Fuller, professor de modelação da mesma escola. As photographias que reproduzimos darão aos nossos leitores uma idéa do caracter e do gosto d'essa decoração.



A Kermesse no parque Gandarinha EM CASCAES



1—Da esquerda para a direita: (Sentadas à mesa): D. Maria Antonia Judice Filho, D. Maria Settecourt Luz (Coruche) D. Isabel Luz (Coruche), D. Maria da Assumpção Calheiros (Guarda)—(Servindo): D. Ludovina Soares d'Albergaria, D.

Mathilde dos Reis Torgal. 2—D. Maria do Carmo Paiva Rapozo. 3—D. Maria Luiza Teixeira e o sr. José Infante da Camara. 4—D. Maria Carla, D. Maria de Lancaster (Abrantes) e D. Maria Guell y Bourbon.



Da esquerda para a direita: D. Justina Judice Fialho, D. Livia Street (Carnide),
D. Nathalia Reis Torgal, D. Christina Guell y Bourbon e D. Julia Leonor Pinheiro
(Pindella)



1—D. Maria Carneiro. 2—D. Pedro de Macedo (Villa Franca) e D. Maria de Mello (Ficalho). 3—D. Carolina Kruz, D. Helena de Mello (Ficalho) e D. Maria Castello Branco. 4—Da esquerda para a direita, principar da fila de brás: D. Theziza de Moser, T. Saavedra, M.^{me} Madeira Pinto, D. Julia Palma, J. H. Alvalade, D. Maria Carneiro, J. Castello Branco, F. Castello Branco (Pombeiro), D. Helena Ficalho, M.^{me} Palma, Jose Infante da Camara, Jorge Salema, Antonio Castello Branco, D. Julia Villar do Bó, D. Emilia Brederode Smith, M.^{me} Reis Torgal, D. Maria Luiza Schroeter Pires, D. Maria Villar do Bó.



D. Anna de Castro Guimarães, D. Alda Cabral, D. Maria Adelaide Rolin, Antonio Queiroz, Jorge Abecassis, Luiz Aranha, D. Marianna Castello Branco (Pombeiro) e D. Maria Francisca Castello Branco (Pombeiro)



Da esquerda para a direita: D. Helena Ferreira de Mesquita, D. Maria da Camara Leme, D. Irene Carneiro, D. Thereza Galvéas, D. Elisa Camara Leme. Sentadas: D. Ludovina Soares de Albergaria, D. Maria José Santo Thyrsó, D. Maria Sophia Santo Thyrsó e D. Luiza Salema.



1—D. Guadalupe de Castro e D. Maria de Noronha
2—Os filhos do sr. conde de S. Lourenço



3—Dentro do balcão: D. Justina Fialho e D. Beatriz Pinto. Fóra: D. Fanny Perestrello.
4—D. Thereza da Moser Thomaz Saavedra e D. Maria Madeira Pinto. 5—D. Julia Pindella e D. Ludovina Albergaria

1—D. Maria Bettencourt Luz (Coruche), D. Elisa Camara Leme, D. Thereza Galveias e D. Irene Carneiro. 2—Meninos Val-Fior, Bandeira, Gil, Mesquita, Santo Thyrsso, Pinto Basto, Couceiro, Camara Leme e Perestrello. 3—As meninas Luiza Salema (Avilez), Maria Sophia Santo Thyrsso, Maria José Santo Thyrsso e Maria Avilez. 4—Thomaz Ferreira Pinto Basto, Izabel Avilez, Antonio Vasco e João, José S. Lourenço, José Lourenco Luz (Coruche), Maria Luiza Alcaçovas, Eugenio Brandão de Mello, Luiz Alcaçovas, Maria da Pureza e Maria S. Lourenço, Maria Alcaçovas, José Alcaçovas e Maria da Conceição Almeida.



5—D. Maria Helena de Mello (Ficalho), D. Fernando Castello Branco e D. Anna de Castro Guimarães. 6—D. Carolina Kruz e José Holtzman Roquette (Alvalade)

A FROTA DE PEDRO ALVARES CABRAL



PEDRO ALVA
SENIOR DE
ALCÁZIL MOR
DESCOBRIDOR

RES CABRAL
BELMONTE,
D'AZURARA
DO BRAZIL

Pedro Álvares Cabral

Publicou *L'Illustration* um interessante desenho em que se vêem alinhadas as formidáveis esquadras das nove grandes potências navaes.

Não é sem tristeza que um portuguez nota a ausencia da que foi a primeira força marítima do mundo e ensinou aos marreantes do passado o caminho dos mares.

Existem duas d'essas poderosas nações porque Portugal as descobriu e as pôz em relação com a Europa: os Estados-Unidos e o Japão.

Mas é só momentanea a tristeza dos portuguezes ante esse quadro.

A par da Grã-Bretanha, da Alemanha, da França, da Italia, da Austria e da Russia figura o Brazil.

Continúa.

pois, dominando os mares a raça lusitana, hoje na America do Sul, como outr'ora no foco europeu.

Vendo o Brazil erguido pela sua marinha ao plano das grandes potencias, considerado como uma força com que ellas tem de contar, não pode Portugal deixar no olvido a velha marinha com que o revelou.

Como para solemnizar a entrega da sua representação, da sua historia, dos seus destinos a um filho, mandou Portugal ao Brazil, em 1500, uma esquadra que constituiu o modelo e o assombro da Europa.

«A mais formosa e poderosa armada, que até áquelle tempo para tão longe d'estes reinos partira» foi, no desvanecido dizer de João de Barros, a frota com que Pedro Álvares Cabral tomou posse do Brazil e o marcou oficialmente no limite das terras portuguezas.

Mostram os numeros a importancia dos sacrificios feitos pela pequena população do seculo XVI.

Constituíam a esquadra 13 navios, sendo 10 naus, 2 navios ligeiros para o reconhecimento de Sofala, e uma caravella com mantimentos.

Levavam apparelho em dobrado, muitas pipas d'armas brancas e panellas de polvora, e em cada nau uma botica.

Iam prevenidos os frades com um retabulo da Virgem da Piedade, orgão, paramentos e alfaias, que lhes serviram na missa do Brazil.

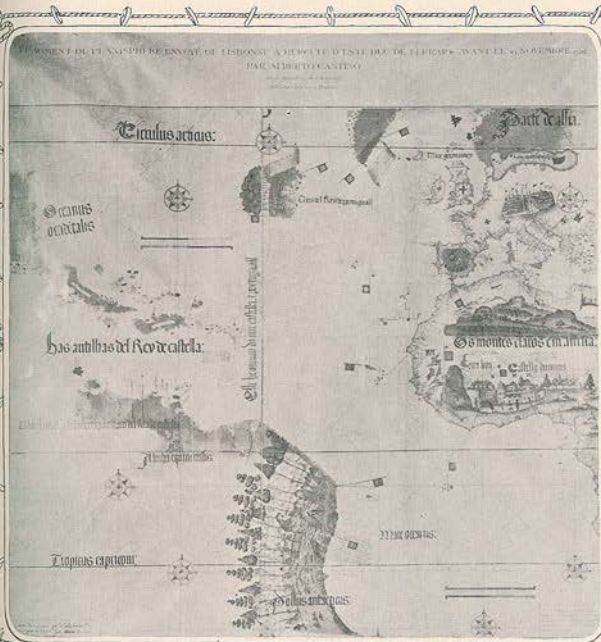


1—Brazão de armas de Pedro Álvares Cabral



1—Caravella do seculo xv. 4—A armada de Pedro Álvares Cabral no Atlantico; (reconstituição sobre documentos do tempo) 5—Caravella do seculo xv





1—Fragmento do Planisferio enviado de Lisboa ao duque de Ferrara por Alberto Cantino, em 1502. 3—Caravela do século XV



2—Caravela do século XV

paços de mantimentos e «Regras dos vinhos».

Para commerciar levavam os navios coral em ramo e em fio; cobre, vermelhão, mercúrio e ambar; pannos de lá grossos e finos; velludos, setins e damascos de todas as côres.

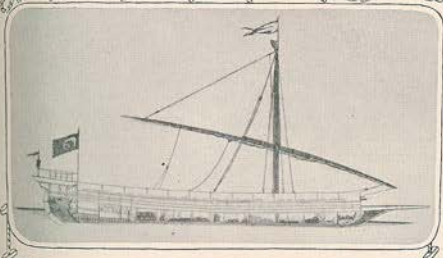
Na India carregava cada nau, em média, 6:000 quintaes de pimenta, chegando ás vezes a ter a mercadoria, durante a viagem, a quebra de 30%.

Cada nau pequena sahia, em média, ao Estado por 13.250:000 reaes, e cada nau grande por 29.354:000 reaes. Apesar do seu grande custo, desde 1497 a 1612, Portugal mandou para a India 806 naus!



EMBARCARAM NA ARMADA DE CAB-AL 1:500 PESSOAS, QUE TINHAM OS SEGUINTES VENCIMENTOS:

CATEGORIAS	Vencimento em cruzados	Quintaes de pimenta	Caixas de forras
Capitão-mór	10.000 por viagem	500	10
Capitães das naus.....	1.000 por cada 100 toneis da nau	50	6
Mestres e pilotos.....	500 por viagem	30	4
Condestavel (1 por nau)	200 » »	10	2
Homens d'armas.....	5 por mez	3	1
Marinheiros.....	10 » »	10	1
Bombardeiros (10 por nau).....	10 » »	10	1
Contramestres e guardiões	1 e meio vencimento de marinheiro		
Calafates.....	2 terços de vencimento de marinheiro		
Carpinteiros.....			
Estrisqueiros.....			
Clerigos.....			
Dispenseiros (1 por nau).....			
Barbeiros sangradores			
Grumetes.....	1 e meio vencimento de marinheiro		
Pagens.....	1 terço de vencimento de grumete		



4—Corte longitudinal de uma pequena caravela, permitindo vêr as disposições internas do porão



Nos *Luíadas* é ainda pelo desastre que se allude á armada de Cabral, na prophécia do gigante Adamastor.

Do que valiam os navios portuguezes não dão apenas testemunho os nossos, que poderiam ser tidos por suspeitos.

Christovam Colombo a quem a incapacidade de escriptores portuguezes tem conservado a lenda de que foi o ser providencial, iniciador e propulsor dos grandes descobrimentos, fala da marinha portugueza por esta fórma: «nau grande d'el-rei de Portugal... a mais bem artilhada de artilharia e armas que nunca se viu».

Pode dar idéa dos navios portuguezes de então esse notavel barco, a nau de mil toneis, talvez equivalentes a duas mil toneladas de hoje, de que diz Garcia de Rezende: «a mais formosa e melhor acabada e a maior que nunca até então fôra vista, de tão grossa, forte e basta liança e tão grosso taboado que a artilharia a não podia passar e tinha tantas bombardas e outras artilharias que foi muito falado n'ella em muitas partes».

Não foi, porém, com bombardas que Portugal tomou contacto com o Brazil.

Ao largar de Porto Seguro a «formosa» armada de Cabral, em vez de levar, para informe da terra, alguns dos indigenas com quem os descobridores comeram, dançaram e travaram relações commerciaes, confiou dois portuguezes á sua bondade infantil. Vendo-os chorar desesperados, olhos fitos nas velas desferidas, foram animal-os, mostrando ter piedade d'elles, os garridos indios, tão graciosos na castidade da sua nudez que logo os considerou o escrivão Pero Vaz de Caminha, na sua notavel carta, materia prima para tudo quanto fôsse de grandioso.

Durante quatro seculos sempre vibraram portuguezes na mesma saude, ao entreverem nos seus navios a patria distante, e offereceram-lhes sempre brazileiros, no mesmo abraço, a patria adoptiva.

Por isso Portugal hoje se envaidece com a prosperidade e a pujança do Brazil, vendo a par das primeiras nações do mundo o grande povo que o ha de perpetuar.

FAUSTINO DA FONSECA



1—Galés de guerra do século XVI
2 a 10—As naus e caravelhas de Affonso d'Albuquerque

falar da passagem do Cabo, diz-se «á por mau recato se perderam outras (naus)».

No regimento com que Fernão Soares foi á Índia ha esta allusão: «n'aquella paragem em que as naus se perderam na viagem em que foi Pedro Alvares Cabral».

Em 1514 Affonso d'Albuquerque pede por elle a D. Manuel: «não posso saber que descontentamento é este que Vossa Alteza de sua pessoa tem».

Perpetua a catastrophe um interessante documento graphico, a pagina do *Livro das Naus*, onde se vêem desarvoradas, indo a pique, as formosas e poderosas naus a que, com tanta saude, se refere o chronista.



·O·NOVO·APPARELHO· ·PROTECTOR·DOS· ·ELECTRICOS·DE·BERLIM·

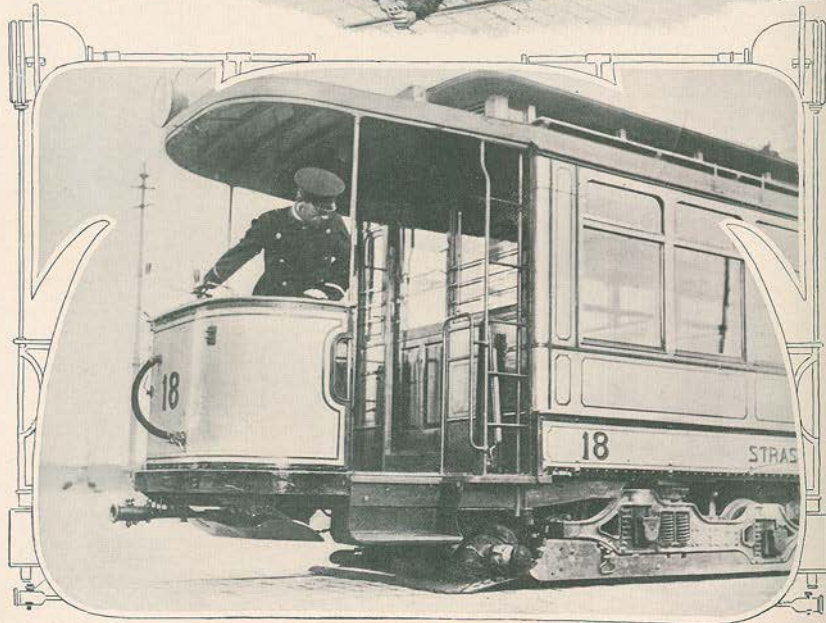
Uma comissão especial da administração dos tramways de Berlim realizou, ha pouco, varias experiencias de um novo aparelho protector, destinado a evitar accidentes, e que é de uma perfeição superior, supprimindo todos os inconvenientes das invenções anteriores. Desde que um corpo qualquer, collocado nos rails, toca na prancha protectora do carro, esta levanta-se immediatamente e faz cair uma rede.

Este novo aparelho, cujas experiencias foram coroadas pelo mais completo exito, não só funciona automaticamente, como faz parar o carro. O conductor pôde tambem pô-lo em acção, por meio do freio de socorro. N'este ultimo caso, a descida da rêde faz promptamente parar o electrico.

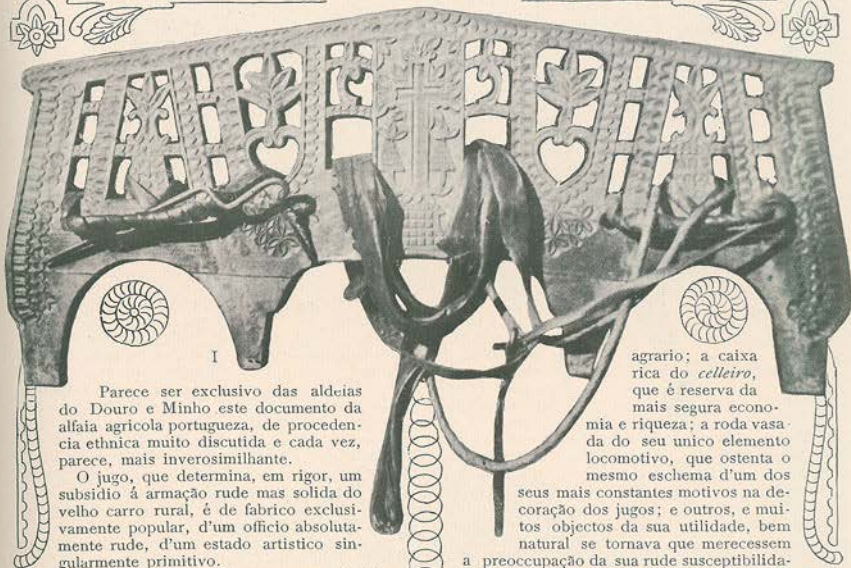


- 1—O aparelho protector antes do seu funcionamento
- 2—O aparelho protector na occasião de funcionar

(Clichés de CH. DELIUS)



OS JUGOS



I

Parece ser exclusivo das aldeias do Douro e Minho este documento da alfaia agrícola portuguesa, de procedencia ethnica muito discutida e cada vez, parece, mais inverosimilhante.

O jugo, que determina, em rigor, um subsidio á armação rude mas solida do velho carro rural, é de fabrico exclusivamente popular, d'um officio absolutamente rude, d'um estado artistico singularmente primitivo.

Não se explica bem como se resume a um só objecto a decoração promovida por um povo que pursue, nos instrumentos de trabalho, uma variedade deveras multiplice e de todo engraçada. E não se explica, com muita mais curiosidade, á reflexão de que por muita semelhança que exista entre os modelos da sua alfaia e os das provincias do sul d'este paiz, a sua ferramenta grícola prova de objecto em objecto uma curiosidade typica que é, d'um modo simultaneo, a revelação das naturaes necessidades de feitoria.

Nada mais natural, no emtanto, que se tivessem obrado, desde tempos immemoriaes, os ornatos estilizados dos jugos, se, em equaldade de circumstancias, outros objectos tivessem merecido o agrado do campo: do norte, em geral pouco prodigo com as ostentações intimas. O seu arado de lavrar, que coopera activa e, direi, gloriosamente no afazer

agrario; a caixa rica do *celleiro*, que é reserva da mais segura economia e riqueza; a roda vasa da do seu unico elemento locomotivo, que ostenta o mesmo eschema d'um dos seus mais constantes motivos na decoração dos jugos; e outros, e muitos objectos da sua utilidade, bem natural se tornava que merecessem a preocupação da sua rude susceptibilidade artistica.

Mas não. Exclusivamente o jugo, no seu esboçado sentido de modelo architectonico e de remate decorativo sobre a belleza animal do seu mais incansavel cooperador, conseguiu do campo do Douro e Minho esse capricho custoso d'uma factura singular de gosto, com os seus motivos de renda e ourivesaria, que a *goiva*, a *meia canna* e o *pé de cabra* do obreiro regional pacientemente entalham e lavram, á mercê d'uma tradição artistica muitas vezes secular.

Explicam esta preferencia, que na sua constante exhibição se afirma inapagavel, com o devotado carinho que o *caseiro* do norte de habito mantem pelas *juntas* de sua propriedade. Com a divisão de generos que annualmente se effectua entre agricultor e senhorio, na pequena herda de minhota — divisão que garante um inferior rendimento ao activo feitor da terra — o capital do camponez mantem-se quasi exclusiva-



A collocação do jugo n'uma junta de bois, antes de a metter ao carro.



mente na posse do gado de serviço á lavoura rural; os bois e pouco mais que o ouro das muheres, determinando-se assim o cuidado humano pelo animal paciente votado a uma lida custosa, que representa a tranquilidade d'aquella gente obscura.

Por isso o camponez paga galhardamente ao seu «amigo» e companheiro — o boi, o suor das suas canceiras, o fructo prodigo do seu trabalho.

II

E o jugo rural, na sua decoração, expressa uma palavra artistica cuja resonancia, por muito isolada, obs-

curamente se pagado.

Hesito agora — e nenhum outro caso — a analyse um docu-lhor, um assumpto eu tenho, necessaria-uma opinio revelada. Mas, apoz esta natural primeira hesitacao, que possui seu principio de sinceridade, vem uma reaccao de dever decidirme, e eu concluo que uma maneira de ver, por mais intransigente que seja, é sempre prova lou-vavel de acertar, quando não é, já, o producto d'uma definida e sciente revelacao.

E' deploravel que em algures (1) um critico illustre haja affirmado serem as ornamenta-

tem pro-

mais do que em em trazer para mento, ou me-na discussao do qual mente, de contradictar a primeira hesitacao, que possui seu principio de sinceridade, vem uma reaccao de dever decidirme, e eu concluo que uma maneira de ver, por mais intransigente que seja, é sempre prova lou-vavel de acertar, quando não é, já, o producto d'uma definida e sciente revelacao.

(1) Joaquim de Vasconcellos, *Arte decorativa portugueza*, pag. 181. — 1909.



1—Exemplar de jugo da região durienne
2—O carro de bois nos arredores de Guimarães



ções arcaicas dos jugos populares «uma fonte de inspiração nacional»; quando, á parte insignificantes elementos de flora (incharacterística) e um

pequeno numero de signos religiosos, todo o desenho realizado no modelo rustico revela nitidamente a sua escola originaria, a maravilha da sua lenda remota.

Deploravel, pois, porque não é exacto.

Se uma formula artistica, ainda que rude, determina as faculdades de plasticidade d'um povo de existencia historica já nebulosa mas distincta, e o seu processo decorativo, embora limitado, fluiu ao seu gosto e á sua comprehensão esthetica—como pôde um povo, apenas com oito seculos de vida politica, consagrar obra sua esse patrimonio artistico da civilização muitas vezes millenaria?

Certos espiritos apaixonados, em quem o impulso «patriotico» obra exageros que representam graves prejuizos, não medem bem a facilidade com que d'uma affirmação gratuita á morte moral um bom nome passa... e fica...

Deploravel, pois, porque se trata d'um espirito esclarecido.

Da civilização mycenica (ou de bronze) o esquema barbaro da decoração architectonica originou, no maior numero dos motivos, a decoração dos jugos intercalados no variado grupo da alfaiá agricola das populações ruraes do Douro e Minho. E ainda, menos propagado mas não menos bello, outro genero industrial



reproduziu o mesmo alfabeto artistico: a ourivesaria (1).

E' indubitavel que, para a mais ou menos completa selecção dos agregados artisticos que compõem, em conjunto, esse genero decorador, outros e mais antigos elementos

deram a sua palavra eschematica, a expressão plastica do seu modo de ser. Do mesmo modo tem sido realizados varios dos modelos architectonicos de variados periodos historicos; entre nós, então, os conjunctos híbridos dos mosteiros de Belem e da Batalha. E na ornamentação estilizada dos jugos regionaes do Douro e Minho a swastika dos velhos exemplares numismaticos originou o corte

ondulante do *triscelo* e *tetrascelo* mycenicos, que a engrandecem; do mesmo modo porque o ornato primitivo e pallido da ceramica prehistorica de varias estações estudadas deram ao canon artistico dos jugos o esboço genesico dos seus *postes* e *torsos*—de ordinario applicados nas ornamentações marginaes do mesmo objecto popular.

Os restantes ornamentos do jugo são tão inverosimeis que não existe, não conhecemos meio de os classificar. Isto quanto á ornamentação de origem antidota á mycenica—o que significa dizer-se contraria á primitiva graphia ornamental dos jugos. Porque, em muitos dos exemplares estilizados, pelo sul do Minho, observa-se tal fusão de elementos e linhas inexpressivas que a gravura, o relevo esculptural dos modelos se revela sob um desper-



1—Um carro de bois n'uma estrada do Minho
2—Um exemplar de jugo com ornamentação primitiva
3—Jugo com ornamentação marginal dos *postes* mycenicos

(1) Rocha Peixoto, *As arrecadas de Laundos*. «Portugalia».

dicio de equivo-
Falta de
sumo.

E en-
de va-
ra—con-
nalmen-
botani-
empre-
santina
ainda, e como consequencia das circumstancias psychicas da população, desenham-se por vezes exemplares ornamentados da cruz judeica. Mas o *ensemble* d'esses documentos, filho d'um pensamento occasional de obreiro, sem relação historica, sem relação ethnographica, nada possui além do merito da sua factura, mais ou menos difficil e curiosa.

São perfeitos documentos inexpressivos.

Se o não
fossem por
que modo

complicada e
ca actividade.
logica, em re-

tão resalta a
rios ornamen-
mo as folha-
te dispostas,
co se não de-
go consecuti-
do *cata-sol*.

aplicação
tos de flo-
gens margi-
cujo caracter
termina, e o
vo da flôr by-
Nas margens,

tercalam no
ses modelos e
vocamente os
varios edificios
tejana, na sua ca-
no-arabe? Pode
racterisação
alguem,
ventura, classificai-os em relação ethnographica com algum elemen o decorativo vigente entre os povos minhoto e duriense? Não. Elle affluir a imaginação do entalhador por mero exercicio de phantasia; occasional e logo estranho.

De má fonte brotou esse motivo...

Esse... e outros...

III

Certo é que por mais esse documento do jugo ornamentado se distinguem os velhos usos ruraes de este paiz

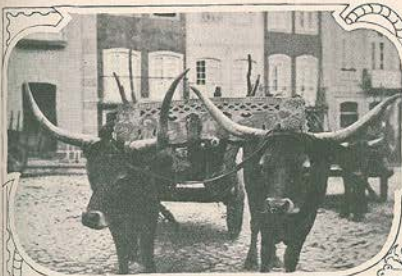


poderiamos
ficar certas
lações re-
gulares que
ornamento
egualam in-
embrecha-
da zona
racterisação
alguem,

classi-
ondu-
clan-
se in-
d'es-
equi-
dos de
alem-
hispa-
por



1—Exemplar de jugo minhoto
2—Uma junta de bois com um jugo de ornamentação mycenica



tão pequeno e tão rico de curiosidades.

Esse ficou nas províncias do Douro e Minho, porque á mercê do acaso ou de apagadas contingências políticas cahiu no solo fecundo do occidente, lá ao alto, na zona creadora das paizagens claras e dos motivos encantados, para se reproduzir com eterna graça na sua palavra antiga. Já na vasante do valle do Vouga, entre o Mondego e no

retalho polychromo do litoral ovarino o jugo dos bois, sem ornato de qualquer especie, é tão sómente semelhante á tobao inexpressiva do estabulo.

Na zona do norte, sim!

Ahi, armado n'um carro de campo que é o modelo de todas as provincias portuguezas, o jugo é como o remate allegorico, ornado e festivo, da locomocão constante dos camponeses. Vindo á cidade nas cargas formidaveis das feiras, das rendas a pagar pelos «Santos», da estafeta para longinquos lugares — o inalteravel frontal do jugo, posto sobre as cabeças leaes dos bois ruminantes e fortes, brilha para entendimentos sensiveis como a cantiga lenta da boeira bonita arrimada á *soga* e d'aguilhada alta. Elle fala dos fructos e da verdura paradisiaca dos campos!

Segue-o uma mulher de lisos cabellos claros, na singleza azul dos seus olhos, na commisura escarlate da sua bocca arqueada. Em ethnographia—uma écloga!

Com os fustes deseguaes dos *fuciros* que sôbem á ré do

carro, com a lança aguda que extrema á cabeça do gado, e a *soga* dobrada de tamoeiro, toda a armação movel do carro rural se arrasta ou atropela sobre a calcetaria inerta das cidades provincianas, no seu bulicio, na sua *côr* de instrumento agricola e tipico.

Até esse ponto o jugo é rural, na sua utilidade e na razão singular da sua excepção de escolha artistica. Mas além da sua configuração geometrica e da propensão que o camponio prova ter em enriquecel-o, além d'isso o jugo, ou melhor a decoração que

possue (primordial causa do seu encanto) não é nem nunca foi «uma fonte de inspiração nacional»

Seria menos sensato (por todas as razões) insinuar, elogiar ao espirito obscuro do entalhador aldeão varios motivos locais que a investigação erudita julgasse de possivel adaptividade; como não era menos insensato e menos inutil collocar sobre o saber d'um ethnographista, em officina propria, o fabrico paciente d'esse objecto duradouro e por isso pouco industrializado. O obreiro, na primeira das tentativas, não comprehenderia o conselheiro erudito; na segunda morreria de fome, atulharia depositos d'um tamanho incalculavel; porque um jugo, por «muito pouco» que dure, sempre dura vinte annos.

Era apenas interessante que o feitor, o entalhador do jugo do Minho e Douro, buscasse de novo, e exclusivamente, os primitivos elementos ornamentaes. Esses mesmos que nas estações pre-romanas da Citania e do Sabroso mysteriosamente appareceram em herança occasional.

Chamem-se-lhe, jugos regionaes, isto é, construidos a estilizados dentro da area provincial. E' logico. Porque chamar-lhes (como o sr. Joaquim de Vasconcellos) producto artistico, exclusivo, de motivos regionaes—francamente, ... expressa insensatez, e expõe a paixão condemnavel.

Foi assim, longuinha e bella, espessamente vedada á *posse* e analyse da critica scientifica da historica, que essa maravilha decorativa dos jugos ficou nos museus archeologicos e nos officios populares, d'um modo estranho... ou como a joia que o viajante desconhecido deixa perdida no pó da estrada... e continua brilhando!

O raro encanto das artes populares, em Portugal, não precisa (julgo bem) d'outros *favores* lamentaveis.



1—Jugo do Minho, com um embrexado de caracterisação hispano-arabe. 2—Jugo dos arredores de Guimarães, com a predominante de decoração botânica. 3—Enlaçando o tamoeiro ds *soga*

(Clichés de GASPARD FERREIRA)

INCENDIOS E EXPLOSÕES



*O caso da bomba na igreja
de S. Luiz
Rei de França :*

1—A igreja franceza
de Lisboa, na rua das Portas
de Santo Antão,
servida por padres
lazaristas.

2—As escadinhas de S. Luiz,
para onde deita
a janella em que foi collocada
a bomba que explodiu

3—A janella graduada onde
se deu a explosão
na noite de 18 do corrente,
cerca das 10 horas.



*O incendio da grande fabrica de moagem
Conceição & Silva
na noite de 18 do corrente:*

- 1—Cunhal desabando
- 2—As ruinas da fabrica incendiada
(Clichés de BENJELIÉ)



AS MANIFESTAÇÕES EM PARIS CONTRA A EXECUÇÃO DE FERRER



- 1—A multidão de manifestantes contida pelos couraceiros à entrada do boulevard de Courcelles
2—Os deputados socialistas à frente do cortejo
(Clichés 2° VII)

A execução de Ferrer originou apaixonados movimentos de protesto em diversos países, especialmente na França e na





Italia. Em Paris, como aconteceu tambem em outros pontos, houve conflictos entre os manifestantes e a policia, de que chegaram a resultar ferimentos. Os leitores da *Ilustração Portuguesa* conhecem, de resto, os pormenores dos aconte-

cimentos pela informação detalhada que tem sido publicada nos jornaes diarios, tornando-se, por isso, desnecessario reproduzil-os de novo como complemento da reportagem photographica, que inserimos, das manifestações e tumultos parisienses.



1— O chefe da policia, sr. Lepine, no meio dos manifestantes
2— Os soldados installados no parque Monceau

(Clichés de CH. DELIUS)



HYPNOTISMO

A CIENCIA DA PROSPERIDADE

Leitor: já tens reparado como certas pessoas são felizes? como de tudo o que essas pessoas empreendem tiram magníficos resultados financeiros? como adquirem riquezas, posição social, influencia, sem parecerem esforçar-se? Taes pessoas tem muitos amigos, são muito respeitadas e consideradas, são desejadas nas reuniões mundanas, enfim, sem o pedir, recebem todas as homenagens. Sabes porquê?

Não é consequência do trabalho pesado, pois o pobre trabalha mais que o rico. Não é por causa do seu nascimento, pois a maior parte dos homens abastados tiveram paes pobres. Não é por

A FONTE DA PROSPERIDADE acaso, porque muitos homens de sorte morreram sem amigos e na miseria. Eis a razão. O segredo da prosperidade está na influencia pessoal; é a habilidade de obrigar os outros a pensar como nos, captivar a sua confiança e amizade obrigando-os a auxiliarem. É uma Força oculta, pela qual nos podemos tornar irresistíveis, que nos permite remover todos os obstaculos, agradar e fascinar a qualquer pessoa, curar todas as molestias conhecidas, os maus habitos, sem drogas, nem medicos, nem bisturi. Esta Força chama-se Magnetismo individual ou Hypnotismo. É a base do bom exito de todo o negocio, de todo o empreendimento.

É a herança que Deus dá, tanto aos pobres como aos ricos. Finalmente o assombro do seculo. Considerem a vantagem de poder convencer um homem que as nossas mercadorias são as melhores da praça; que os nossos serviços são inestimaveis; demonstrar-lhe que estamos offerecendo um bom emprego para o seu capital; convencel-o de que precisa das mercadorias que desejamos vender; que a nossa opinião é a melhor; induzil-o a seguir os nossos conselhos; e milhares de cousas mais. Se desejam uma posição lucrativa, se desejam obter augmento de ordenado, ou mesmo augmentar as suas rendas, a Sciencia do Hypnotismo ser-lhes-ha muitissimo valiosa. Em centenas de casos, o conhecimento do Hypnotismo foi o balsamo que remediou a vida de pessoas para as quaes o futuro parecia desesperado.

Publicamos o livro mais notavel do seculo, o qual explica tudo o que se refere ao Hypnotismo, ao Magnetismo individual, á medicina magnetica, etc., em linguagem tão simples, que está ao

LEITURA GRATUITA alcance mesmo de uma creança. Este livro é obra do illustre medico X. L. Motte Sage, A. M., Ph. D., L. L. D.

EM CASA e mais reputado hypnotisador do nosso tempo. N'elle se ensina os meios secretos e instantaneos que habilitam qualquer pessoa intelligente a aprender em sua casa, em poucos dias, a usar essa força sobre os seus amigos, a sua familia, sem que ninguém o possa adivinhar. Garantimos o successo e estamos promptos a perder 1.000 dollars em ouro, no caso contrario. Quantas pessoas ganham hoje de 2.000 a 5.000 libras por anno com o que aprenderam n'esse livro notavel? e quantas adquiriram uma immensa fortuna?

O doutor Sage, auctor d'este livro raro, entende que todos, tanto pobres como ricos, podem conhecer os segredos mysteriosos, guardados religiosamente durante muitos annos.

UM LIVRO CHEIO DE SEGREDOS IMPORTANTES DADO DE GRAÇA O doutor Sage vendeu os seus direitos de auctor, com a condição de que 10.000 exemplares fossem distribuidos gratuitamente, o que agora se está cumprindo. Qualquer pessoa pode obter um exemplar gratuito, mandando um simples bilhete postal com o seu nome e endereço ao

NEW YORK INSTITUTE OF SCIENCE

DEPT. 1518 C. ROCHESTER, N. Y. U. S. A.

O porte das cartas para a America é de 50 réis. Os bilhetes postaes são de 20 réis.

«Este tratado vale mais do que o ouro. Está repleto de segredos extraordinarios e de assombrosas surpresas. Depois do da Santa Biblia, o seu estudo é o mais util. Aconselho a todos a pedirem um exemplar d'elle.»
Rev. PAUL WELLER, Gorham, N. Y.

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, rue Vignon




GRATIS
125 machinas fallantes

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis á CASA SIMPLEX

BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES.

J. CASTELLO BRANCO
Rua do Socorro, 48 LISBOA
R. de Santo Antão, 32 e 34



AGENCIA DE VIAGENS

R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

Ernst George

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

Viagens baratissimas

à TERRA SANTA

Princia Nouveau Parfum
VIOLET
29, B^d des Italiens - PARIS

ALGUNS SUCESSOS DO

Pneu MICHELIN em 1908

0 1.º	e os cinco primeiros	TARGA FLORIO	18 de maio	1908
0 1.º	e dois dos tres primeiros	TAÇA DE CATALUNHA	28 de maio	1908
0 1.º	e duas das primeiras categorias	S. PETERSBURGO-MOSCOU	1 de junho	1908
0 1.º	e oito dos dez primeiros	DIEPPE GRAND PRIX DE VOITURETTES	6 de julho	1908
0 1.º	e onze dos 12 primeiros	DIEPPE GRAND PRIX DO A. C. F.	7 de julho	1908
0 1.º	e quatro dos cinco primeiros	CIRCUITO DE BOULOGNE	6 de setembro	1908
0 1.º	e os dois unicos clasificados	TAÇA VANDERBILT	24 de outubro	1908
0 1.º	e sete dos nove primeiros	GRAND PRIX D'AMERICA	26 novembro	1908

PNEUS MICHELIN EM DEPOSITO:

COIMBRA

Oliveira & C.*—Avenida Navarro.

LISBOA

A. Black & C.*—30 e 32, Rua da Boa Vista.
 Laurencel & Oliveira—86, Avenida D. Amicia.
 Albert Nebelung—Garage Peugeot, Praça dos Restauradores.

O'Neill—Panhard Palace, 87, Avenida da Liberdade.
 Sociedade Portuguesa de Automoveis—Rua Alexandre Herculano.

PORTO

Empresa Portuguesa de Automoveis—Rua da Liberdade.
 Jose da Silva Monteiro—133, Rua das Flores.
 Teixeira & Irmão—155, Rua de Sá da Bandeira.
 João Garrido—Rua de Passos Manuel, 16, 18, 20.

CONCURSO DE 1909

28 premios
 EM INSCRIPÇÕES

SENDO UM DE
5:000\$000 réis

500 premios em dinheiro

4:000 PREMIOS REPRESENTADOS
 POR OBJECTOS
 DA MAIOR UTILIDADE PARA TODA
 A GENTE

Sorteio em 20
 de dezembro

Aviso importante aos concorrentes do Brazil e colonias portuguezas.

—Os concorrentes do ultramar e Brazil devem remetter as suas cadernetas de fôrma a darem entrada na administração do *Seculo* de 1 a 13 de dezembro. Para isso é-lhes facultado o direito de poderem enviar as respectivas cadernetas, contendo apenas os coupons correspondentes aos jornaes publicados desde o inicio do concurso até á data dos ultimos jornaes recebidos.

